O bem que se extrai do gozo[1]

Sonia Alberti

Para desenvolver o tema deste artigo, "O bem que se extrai do gozo", basear-me-ei em dois eixos teóricos: o bem extraído do gozo em cada um dos discursos que fazem laço social e a sua referência ao conceito freudiano de mais além do princípio do prazer.

A escolha se deve a questões que me perseguiam há muito tempo e giravam em torno da referência encontrada de forma insistente, em inúmeros textos e, sobretudo, em incontáveis falas de colegas: o conceito lacaniano de gozo tem tudo a ver com o de mais além do princípio do prazer em Freud. Longe de estar claro para mim, matutava como se poderia justificar tal correlação teoricamente. Qual não foi minha surpresa quando, ao trabalhar "O Seminário, livro 18: de um discurso que não seria do semblante", encontrei um pequeno trecho que me parece bastante esclarecedor. A partir dessa pequena descoberta, seguirei rumo ao bem que se extrai do gozo em cada um dos discursos.

[1] Artigo redigido a partir da conferência apresentada durante o VII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, em Belo Horizonte (outubro 2006).

do princípio do prazer para além dele

Há muito tempo, Lacan vinha se preocupando com a questão do vivo. Ele a retoma na lição de 13 de janeiro de 1971. Desta feita, no lugar de se preocupar com o que nos seres vivos assegura a manutenção do ser de uma espécie – como o fizera no *Seminário 11* –, retoma o princípio do prazer freudiano para se perguntar sobre o que regula a economia do vivo.

Para ele, a vida é uma novidade diante do olhar do *mundo que, de forma alguma, a comporta universalmente*. Lança, então, sua questão partindo do seguinte: o princípio do prazer regula sua economia de tal forma que a excitação mínima é a visada do comportamento do vivo (*dans le comportement du vivant*). Até aí, não há grande novidade, Lacan simplesmente está retomando as observações feitas em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, ou seja: o ser falante visa à baixa das excitações que Lacan asso-

ciou ao Bem Supremo, da Filosofia. Se a vida comporta a *Befriedigung*, conforme a primeira fórmula freudiana, a primeira lei do funcionamento psíquico, então o Bem extraído do gozo é a baixa das excitações.

Como Freud explicava isso? Havendo um aumento de excitação, o princípio do prazer é contrariado e busca descarregar energia objetivando fazê-la retornar ao nível mínimo necessário para manter a vida, mas baixo e homeostático, o Bem *visado*. Verifica-se, então, que para tal Bem ser alcançado é necessária a intervenção do Outro, a fim de promover as experiências de satisfação – aquelas experiências que levam, justamente, ao retorno para um nível baixo e homeostático das excitações – e isso começa, como sabemos, com o protótipo do choro do bebê ao ser acalentado pelo seio, promovendo a primeira experiência de satisfação, logo inscrita como tal, enquanto traço mnêmico.

Experimentadas as satisfações, clamam por repetição a cada novo aumento de excitação. Essa é então uma grande novidade: a busca da repetição. E assim instala-se o desejo: deseja-se a experiência de satisfação que passa a ser repetida – inicialmente de forma alucinatória – tornando-se mais valorizada do que a visada original do princípio do prazer, a baixa das excitações! Já aqui podemos dizer que a visada não é mais simplesmente o prazer: vai além, além do princípio do prazer... e é quando começam os problemas! Porque nunca a experiência repetida trará a mesma satisfação proporcionada pela primeira, pois toda repetição comporta uma perda de satisfação e, quanto mais amputada da satisfação primeira, mais o sujeito pode querer repetir a experiência, na ilusão de ainda conseguir recuperar o que foi perdido para sempre... Como diz Lulu Santos: "Nada do que foi será, do jeito que já foi um dia..."! Na realidade, podemos dizer, já não se trata de satisfação mas de gozo, pois o efeito não é mais de um apaziguamento – *Befriedigung* – e sim, de se querer sempre mais e mais aquilo que já não é possível obter em razão de toda repetição comportar uma perda, como já disse.

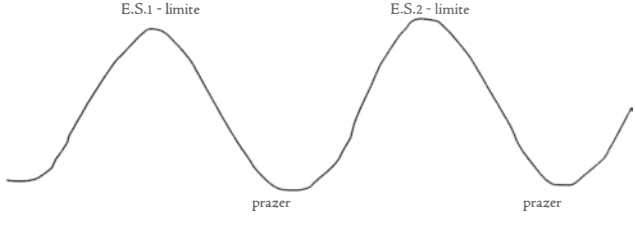
o ponto supremo e o ponto ínfimo

Lacan então prossegue com seu raciocínio: esse querer sempre mais e mais da repetição *pode levar a que se apresente um*

gozo perigoso, que ultrapasse a excitação mínima. Segundo ele, a questão de Freud é saber se é possível reinserir tal gozo na regulação ditada pelo princípio do prazer. Será que a vida, "tomada nela mesma, em seu ciclo, comporta tal possibilidade de repetição?", pergunta Lacan. A resposta dele é bastante interessante: para a repetição ser incluída no ciclo da vida, já não se trata de uma vida que vise à baixa das excitações no contexto biológico do termo, mas de uma vida que, necessariamente, se daria no mundo do semblante. Constituída conforme a realidade psíquica, trata-se de outra vida entrando em jogo, cujo ciclo já não se refere ao orgânico, porém aos ciclos das repetições que buscam uma satisfação de desejo, ou seja, o gozo ao qual seria possível impor limites para ser reinserido na regulação ditada pelo princípio do prazer (esquematicamente: gozo perigoso → semblante → regulação do gozo).

Nesse mundo que, de forma alguma comporta a vida universalmente, a repetição, então, promoveria um retorno ao mundo, mas agora a um mundo do semblante. O mundo trágico, por exemplo[2]. Para visualisá-lo, Lacan propõe um esquema[3].

Conforme a idéia original (Freud, 1895), no estado baixo e homeostático de excitações inscreve-se um aumento de excitação, produzindo a curva ascendente que encontrará uma experiência de satisfação que, por sua vez, promove a baixa das excitações.



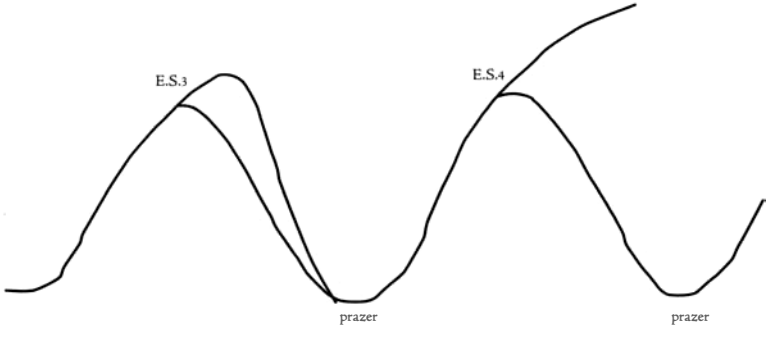
As letras E.S. sinalizam a experiência de satisfação – cada uma delas é diferente e estão enumeradas esquematicamente aqui, E.S.1 e E.S.2. Após a experiência de satisfação ocorre a baixa das excitações conforme a lei do princípio do prazer, de maneira que se reinstala o estado de prazer até haver novamente uma alta das excitações. O limite nessas curvas ascendentes e descendentes é dado pelo excesso de excitação que deve ser ab-reagido – deve ser satisfeito / apaziguado – de alguma forma para se reinstalar o prazer. Tais processos esquematizam o que Freud já havia formulado em 1895, no "Projeto para uma psicologia", com o qual pôde construir a dinâmica pulsional da primeira tópica.

[2] Referência à apresentação de Antonio Quinet no mesmo VII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, em Belo Horizonte (outubro 2006).

[3] Aproveitei-me do cartaz do VII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, em Belo Horizonte (outubro 2006), para imaginarizar o esquema. No cartaz, retrata-se uma fonte do barroco mineiro, cujo fundo é de azulejos de um lindo azul pavão, fundo que utilizei em minha apresentação para identificar o campo do gozo da vida, bem delimitado na fonte. Razão pela qual esta conferência passou a ser identificada pelos colegas que a assistiram como a do "gozo azul".

Ao perceber que o princípio do prazer introduz um gozo que se perde, pois E.S.2 jamais será uma experiência tão satisfatória como foi E.S.1, Freud começou a se dar conta de que, em função da busca do gozo perdido, o sujeito procurará estender a satisfação para além do limite dado pelas curvas ascendentes e descendentes. E passará a buscar o gozo perdido como mais-de-gozar (o que sempre se perde num discurso), implicando um gozo que se fará experimentar. Eis o que decorre do fato da falta de gozo aqui instalada – pois a realidade já é outra, é psíquica – já não se trata de um mero mecanismo repetido por determinação da questão orgânica e sim, de um mecanismo que a ele se superpõe, visando à obtenção do a mais de gozo – o mais-de-gozar –, o que está para além do princípio do prazer.

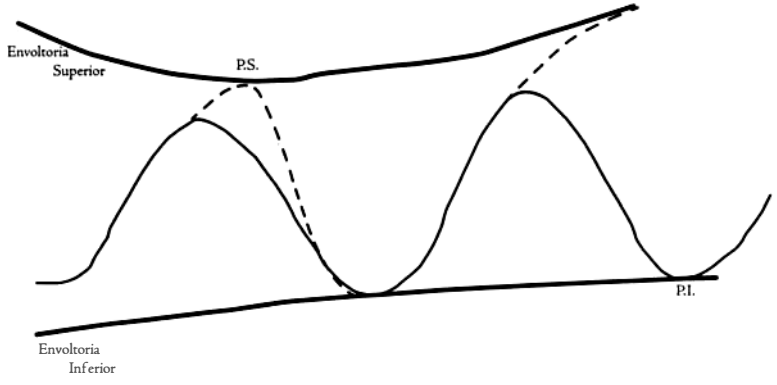
Como isso se repete, o risco de o sujeito se deparar com um gozo perigoso, como diz Lacan, aumenta cada vez mais! Por isso Lacan propõe "no lugar de curvas de excitação ascendentes e descendentes, todas confinando a um limite, que é um limite superior" – dado pelas experiências de satisfação – o gozo, pois ao contrário, implica essa excitação ir até o infinito... O limite não é o da tangência superior e, sim, da tangência inferior dos máximos de gozo – conhecido, em matemática, como ponto supremo, o ponto do Bem supremo que estou aqui retomando! Lê-se, então, no mesmo *Seminário* de Lacan: o ponto supremo é o mais baixo do limite superior, assim como ínfimo é o ponto mais alto do limite inferior (no esquema, esse limite é dado pelos pontos de prazer).



Este esquema retoma o funcionamento do anterior com uma mudança: as curvas ascendentes atravessam o que fora o limite inicial a ponto de poderem atravessá-

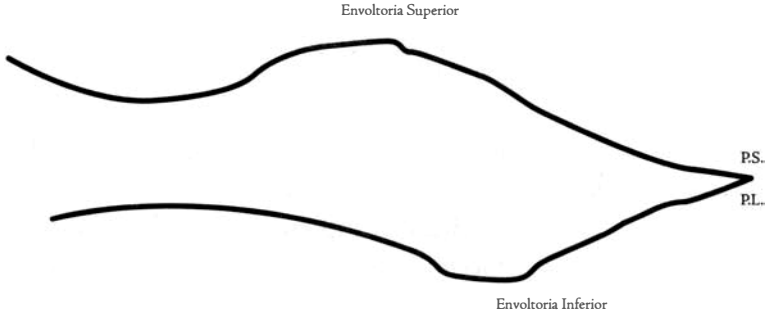
lo *ad infinitum*. Lacan o sugere com todas as letras quando diz que o gozo, ao contrário do princípio do prazer, implica que a excitação possa ir até o infinito, tornando-se assim um "gozo perigoso" (cf. Lacan, 1970-1).

Para aprofundar tal esquematização, com o auxílio das noções aqui introduzidas por Lacan visando à contribuição de dois conceitos da matemática (o supremo e o ínfimo), lançarei mão de um terceiro conceito – de cálculo – chamado *envoltória*. A envoltória é a linha que une os pontos traçados a partir dos limites superiores e inferiores e nela encontraremos o supremo e o ínfimo, respectivamente:



Mantém-se as originais curvas ascendentes e descendentes (do Desenho 1), em linhas contínuas, e traçam-se as curvas dos gozos (do Desenho 2), em pontilhado. Com uma linha mais espessa, aparecem tanto a envoltória superior quanto a inferior. P.S. é o supremo (o ponto mais baixo do limite superior da primeira envoltória – a superior), enquanto que P.I. é o ínfimo (o ponto mais alto do limite inferior da segunda envoltória – a inferior).

De tal modo que, se traçarmos uma envoltória para delinear os limites superiores dos traçados dos gozos e outra, delineando os seus limites inferiores, o ponto mais baixo da envoltória superior é o ponto supremo e o ponto mais alto da envoltória inferior é o ínfimo. Finalmente, se é possível visualisá-lo dessa maneira, pode-se supor que haverá o dia em que ambas se tocarão num ponto. Como podemos ler nesse *Seminário* de Lacan, no retorno ao mundo produzido pelo ser falante - um mundo que só seria do semblante - *a morte é o termo do gozo da vida no exato ponto* ínfimo do limite inferior das curvas de excitação, ascendentes e descendentes da repetição.



A figura 4 procura traçar o momento em que ambas as envoltórias, tanto a superior quanto a inferior se encontram para produzir o ponto em que o ínfimo dá termo ao gozo da vida, configurando, assim, a morte.

"O mundo inanimado não é a morte. A morte é um ponto, designado como ponto termo, termo de que? Do gozo da vida" (p.21). A vida é, então, a repetição do prazer enquanto dura. Donde podemos dizer que, para aquém do ponto ínfimo (o ponto mais alto de um limite inferior e que é a morte como ponto) está todo o inanimado, já que "o mundo não comporta a vida universalmente", como diz Lacan; e além desse ponto está o gozo, a vida enquanto gozo, que pode se tornar perigoso – quando extrapola o ponto supremo: o ponto mais baixo do limite superior. Entretanto, se puder ser reinserido na regulação ditada pelo princípio do prazer, faz parte da vida enquanto gozo, a qual está sempre devendo ao mais-de-gozar.

os discursos e o gozo da vida.

Conclui Lacan que a economia é sempre um fato de discurso, mas não somente fato, efeito também. No discurso o semblante provoca o gozo para dele extrair um bem: o mais de gozar. A partir de "O Seminário, livro 18: de um discurso que não seria do semblante", Lacan muda os nomes dos lugares nos discursos: o agente passa a ser o semblante; o outro passa a ser o gozo; a produção, o mais-de-gozar. Assim, o Bem extraído do gozo por ação do semblante, desse outro mundo instalado em função de sermos seres de linguagem, e em função da economia sempre ser fato de discurso, é o mais-de-gozar, e está para além do princípio do prazer. Já não é mais o Bem supremo, como ironicamente La-

can o depreendia em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, da baixa das excitações conforme o princípio do prazer... Eis o que o discurso do mestre demonstra, aquele que é, na realidade, o discurso do próprio inconsciente.

A partir de um certo momento de seu ensino, Lacan renomeia os lugares nos discursos (ver, por exemplo, Lacan, 1971-2, particularmente, a conferência de 3 de fevereiro de 1972). Vejamos:

OS LUGARES:

Originalmente (1969-70):		Depois:	
agente	outro	semblante	gozo
verdade	produção	verdade	mais-de-gozar

Logo, no discurso do mestre, S1 é o semblante, S2 é o gozo e o mais-de-gozar é o próprio objeto *a*, que causa o desejo e promove o semblante que se exercita no campo do vivo. Entretanto, pode buscar um gozo perigoso, cujo único limite será, ainda e sempre, o prazer enquanto baixa de excitações – ponto supremo – que permite retornar ao movimento das curvas ascendentes e descendentes de excitação enquanto não transformar tal ponto supremo em ínfimo, ou seja, a própria morte. Esse campo do vivo, no qual transita o gozo do vivo, está para além do princípio do prazer, pois se regula não mais pela tangente superior das curvas ascendentes e descendentes, mas pelo ponto supremo. Tal ponto constitui o limite inferior das curvas do gozo da vida sendo, ao mesmo tempo, o ponto em que se inscreve o limite superior do inanimado: a pulsão de morte. Donde, como já dizia Freud, toda pulsão é, antes de tudo, pulsão de morte. O esquema nos permite ainda distinguir, definitivamente, a morte do mais-de-gozar.

Ora, o que é esse mais-de-gozar em cada um dos discursos do laço social? Para responder, basta retomar cada um deles e verificar-se-á que o mais-de-gozar no discurso do mestre é o objeto *a*; no da histérica, é o saber; no da universidade, o sujeito; e, no discurso do analista, os significantes mestres determinantes do sujeito até então. Nos quatro discursos que fazem laço social, o mais-de-gozar é o que do discurso se perde, dele cai.

Para desdobrar as conseqüências disso, partamos da de-

núncia de Lacan em *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. "Simplesmente, o discurso da histérica revela a relação do discurso do mestre a seu gozo, o saber nele comparece no lugar do gozo" (p. 107). Se, por um lado, isso demonstra que, sem o saber, Lacan já sabia em 18 de fevereiro de 1970 que o lugar, neste Seminário chamado "outro", é o lugar do gozo – coisa só esclarecerida em seminários posteriores –, por outro lado, isso correlaciona ambos os discursos quanto ao Bem que se pode extrair do gozo.



O saber é o Bem que se pode extrair do gozo no discurso da histérica, pois nele S2 está no lugar do mais-de-gozar. Nele, é como semblante que o sujeito questiona o mestre provocando a queda do saber do qual denuncia a disjunção com a verdade. Verdade que é também o lugar em que o sujeito se encontra no discurso do mestre e que o mantém recalcado ao se dirigir ao saber. Na realidade, a correlação entre os dois discursos só pode acontecer quando a histérica pode denunciar o prazer da vida do mestre – o gozo da vida do mestre, entre o ponto supremo e o limite superior – o de fazer o escravo trabalhar para ele. Não é fácil fazer trabalhar!

Poderíamos imaginar que a demanda ao Outro dá o modelo da primeira experiência de satisfação nessa correlação. Ou seja, fazer o Outro trabalhar para ele, dá ao bebê a experiência da dominação, conforme o Lacan de *O Seminário, livro 8: a transferência* (1960-1)[4]. E esta irá ser abalada somente quando confrontada pela intrusão da demanda do Outro, diante da qual o sujeito não tem como escapar. Será preciso então buscar uma repetição de tal satisfação no discurso: o bebê faz retorno a esse mundo, já não como mero sujeito da demanda, mas enquanto semblante, ou seja, no momento em que o bebê goza mais com a repetição da experiência de satisfação dada pela dominação, no semblante (*fort-da*). O que aí se instala é *your majesty the baby*, avassalador do Outro, fazendo-o obedecer-lhe em tudo, transformando-o em seu escravo, recalcando o sujeito do *pathos*, o sujeito no qual operou a intrusão da demanda do Outro. É o bebê confrontado

[4] Mais precisamente as lições 14 e 15 deste *Seminário*.

com a demanda anal. Mas é também, justamente porque esse sujeito está recalcado, que o Bem que se extrai desse gozo é perda: o tempo da *brincadeirinha* acaba, está na hora de ir *prá* cama, e quanto maior tenha sido a excitação da cena, maior a queda de *a* no final da brincadeira. O Outro foi escravo na brincadeira, campo do discurso em que o pequeno sujeito se experimenta no semblante. Na hora de acabar a brincadeira, o objeto *a* cai do Outro... já dizia Lacan (1962-3) ao conceituá-lo a partir da *Angústia*. Eis a razão de o sujeito ser o próprio objeto, dejeto na fantasia criada por ele mesmo em resposta a isso tudo.

Traduzo: "sua majestade o bebê" é um exemplo de como o ponto supremo do gozo da vida pode acompanhar a curva ascendente da excitação e, ainda, atravessar o limite superior em direção ao infinito, pode tornar-se um gozo perigoso levando à necessidade de reinserir tal gozo na regulação ditada pelo princípio do prazer: "Vá prá cama, menino!"... Herdeiro do complexo de Édipo, é *normalmente* o supereu o regulador de tal limiar mais tarde, para o resto da vida. Se o tiver tido, digo, o tal do Édipo e sua dissolução...

Em 1921, Freud determina: toda psicologia individual é também, e ao mesmo tempo, uma psicologia social! Não nos esqueçamos! O semblante, e o que agencia nos discursos, tem sua formação na psicologia individual – retomo tão somente os termos freudianos – portanto não é possível separar a formação do sujeito da formação do semblante!

O discurso da histérica revela a relação do discurso do mestre com o gozo, na medida em que o saber vem no lugar do gozo. Como dito, para revelá-lo, é preciso haver discurso da histérica. Com relação a isso, o que diz Lacan? O sujeito histérico se aliena do S1 que o divide, recusando a dar-lhe corpo (1969-70:107). Tal alienação se lê no próprio discurso da histérica, no qual o sujeito se dirige ao S1 *para gozar dele*! A língua portuguesa permite ver isso perfeitamente! E ao fazer desejar – ação deste semblante – produz o S2. Por um lado, o S2 aqui produzido como Bem que se extrai do gozo é o próprio saber que irá ocupar o lugar do mais-de-gozar. Por ocupá-lo, o saber (assim produzido) já não pertence a ninguém, como a própria obra de Freud adquirida desta maneira já não lhe pertencia mais assim que era produzida... Por outro lado, pela ação do sujeito no lugar do semblante, o

mestre perde seu escravo como parceiro, é desprovido dele. Mas, também aqui, pode-se pensar como o gozo perigoso pode se instalar: goza-se tanto do mestre que ele vai embora e o efeito, na clínica, é normalmente conhecido por depressão... "Eles já não se interessam mais por uma relação", "ninguém me quer..." – o que é bem pior do que a extração do mal-me-quer.

Particularmente, parece-me que o campo entre o ponto supremo e o limiar superior do que se metaforizou em gozo a partir da original experiência de satisfação, pode aumentar ou diminuir conforme o uso. Ou seja: se o sujeito pode usar tanto o ponto como o limiar, até o limite, se pode deixar cair as perdas, conseqüência do exercício entre extremos, deixar cair o mais de gozar, o Bem que se extrai do gozo, maior o campo do gozo de que pode gozar! Maior o prazer da vida, maior o gozo da vida possível de obter!... e menor a neurose...!

No esquema, é na medida em que o sujeito se experimenta no campo do gozo que goza, como as fontes cuspideiras[5], o prazer da vida!

[5] Nova referência ao cartaz da fonte.

referências bibliográficas

ALBERTI, S. (2006) "O bem que se extrai do gozo". Conferência durante o VII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano no Brasil, Belo Horizonte, outubro de 2006.

ALBERTI, S. (2007) A pulsão de morte e o gozo: uma articulação teórica entre Freud e Lacan". Trabalho apresentado no IV Congresso Nacional de psicanálise da UFC. Fortaleza, maio de 2007.

FREUD, S. (1895[1950]) *Entwurf einer Psychologie*. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt aM, Fischer Taschenbuch Verlag, 1999. v. Nachtragsband.

FREUD, S. (1920) "Jenseits des Lustprinzips" in *Studienausgabe*. Frankfurt a.M., S. Fischer Verlag, 1969. v. III.

FREUD, S. (1921) "Massenpsychologie und Ich-Analyse" in *Studienausgabe*. Idem, v. IX.

LACAN, J. (1959-60) *Le Séminaire, livre VII, L`Éthique de la psychanalyse*. Paris, Seuil, 1986.

LACAN, J. (1960-1) *Le Séminaire, livre VIII, Le Transfert*. Paris, Seuil, 1991.

LACAN, J. (1962-3) *Le Séminaire, livre X, L`Angoisse*. Paris, Seuil, 2004.

LACAN, J. (1963-4) *Le Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris, Seuil, 1973.

LACAN, J. (1969-70) *Le Séminaire, livre XVII, L`envers de la psychanalyse*. Paris, Seuil, 1991.

LACAN, J. (1970-1) Le Séminaire, livre XVIII, D`un discours qui ne serait pas du semblant. Inédito.
LACAN, J. (1971-2) Le savoir du psychanalyste. Conferências inéditas.

resumo

No *Seminário 7: A ética da psicanálise*, Lacan sugere que o Bem Supremo aristotélico pode ser identificado, em psicanálise, com o que Freud teoriza sobre o prazer – a manutenção das excitações no nível mais baixo e homeostático possível. Se distinguimos prazer e gozo, então surge a questão sobre uma possível correlação entre o bem e o gozo. Para proceder ao exame dessa questão, inicia-se com uma correlação teórica entre o conceito lacaniano de gozo e o freudiano de mais além do princípio do prazer (1920). A partir de uma passagem de "O Seminário, livro 18: De um discurso que não seria do semblante", na qual Lacan coloca em tensão a noção de semblante, de "gozo perigoso", o "gozo da vida" e a morte, o presente artigo esquematiza graficamente a correlação em questão. Em seguida, articula o lugar do gozo nos discursos visando responder à questão engendrada pelo título do artigo.

palavras-chave

prazer, gozo, morte, supremo e ínfimo, discursos.

abstract

In his *Seminar 7: the ethics of psychoanalysis*, Lacan suggests that the aristotelian Supreme End may be identified in psychoanalysis with pleasure, as Freud theorises it: the maintainance of excitations on their lowest and homeostatic level. If we distinguish pleasure and jouissance, then the question which rises is about a possible relation between this aristotelian good and jouissance. To examine it, the article begins with the construction of a theoretical relation between the lacanian concept of jouissance and the freudian concept from 1920: beyond the pleasure principle. This examination develops and schematizes graphically a passage from the "Seminar 18: from a discours which would not be of the *semblant*" in which Lacan puts into tension his concepts of *semblant*, "dangerous jouissance", "the jouissance of life" and death. The article continuous then with the discussion about the place of jouissance in the discourses, to answer the entitling question.

key words

plaisure, jouissance, death, supremum, infimum, discourses.

recebido

15/01/2007

aprovado

10/03/2007